Santa Maria de Rocamadour de Soza
A Virgem Emparedada

Projeto de investigação sobre Património Histórico para o concurso de História de Arte *Eustory*.

Fig.1. Santa Maria de *Rocamadour*, século XV, foto de Hugo Silva

Participante: Cláudia Daniela Andrade Almeida
Tutor: Nuno Duarte da Silva Queirós

Cláudia Daniela Andrade Almeida, Portugal
claudiadandradealmeida@gmail.com

Agradecimentos:

- Ao meu tutor, Nuno Duarte da Silva Queirós que esteve sempre disponível para me ajudar e me apoiou na conclusão deste projeto participando na realização do relatório do mesmo.

- À Professora Filomena Neves e à Professora Ana Ester Tavares, que como minhas professoras na Escola de Artes Performativas da Jobra me ajudaram na pesquisa de fontes fiáveis, na resolução de dúvidas estruturais e de conteúdo e na correção do mesmo.

- Ao Professor Paulo Margaça, meu professor de instrumento que inclusive me permitiu trabalhar na conceção do trabalho de investigação durante as aulas.

- Um agradecimento especial à Professora Ana Cristina Correia de Sousa, que tirou algum do seu tempo na Faculdade de Letras da Universidade do Porto para me responder a algumas perguntas acerca do Projeto.

- Por último agradecer aos meus pais e irmão que me apoiaram na ambição de concluir com sucesso este trabalho e à minha turma por me ter apoiada na última fase do projeto.

Cláudia Daniela Andrade Almeida, Portugal
claudiadandradealmeida@gmail.com

Índice:

0.1. Introdução:
- 0.1.1. Estrutura do projeto de investigação
- 0.1.2. Objetivos do Projeto
- 0.1.3. Motivação do Projeto

0.2. Património Histórico - O que é?:
- 0.2.1. Definição de património Histórico-cultural
- 0.2.2. O património cultural visto pela igreja
- 0.2.3. Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural
- 0.2.4. A peça de Património Português que escolhi

Capítulo I - *Rocamadour:* Do santuário de *Rocamadour* e da sua presença em Soza em Portugal

1. Vila de Soza - A história/ A Resenha Histórica:
2. História de *Rocamadour*, França:
3. A confraria dos Frades de Santa Maria de *Rocamadour:*
4. A história do Ermita de *Rocamadour*:
   - 4.1. Primeira versão da lenda de Amador
   - 4.2. Segunda versão da lenda de Amador
5. Ligação de *Rocamadour* a Soza:
6. O culto espalhado por Portugal Continental:
   - 6.1. Ermida da Nossa Senhora do Ameal, antiga Ermida de Nossa Senhora do *Rocamadour*
   - 6.2. Igreja Matriz de Castelo Rodrigo, Porto
   - 6.3. Hospitais-Albergaria de *Rocamadour* e D. Lopo
   - 6.4. Outras Versões da Santa Maria de *Rocamadour* em Portugal

Capítulo II - Iconografia de Santa Maria de *Rocamadour* na vila de Soza

1. As várias esculturas da Virgem e a sua análise:
   - 1.1. Análise da Imagem da Santa Maria de *Rocamadour*
   - 1.2. Análise da Virgem Negra
   - 1.3. Análise da Imagem da Virgem Emparedada

2.1. Iconografia das Imagens:
- 2.1.1. Romã
- 2.1.2. Pergaminho
- 2.1.3. Globo Cruciforme

2.2. Iconografia das Cores:
- 2.2.1. Vermelho
- 2.2.2. Azul
- 2.2.3. Branco

Cláudia Daniela Andrade Almeida, Portugal
claudiadandradealmeida@gmail.com

"Como saberemos que estamos sem o nosso passado?"

John Steinbeck em ''*As vinhas da Ira*"

Cláudia Daniela Andrade Almeida, Portugal
claudiadandradealmeida@gmail.com

0.1.Introdução:

0.1.1. Estrutura do projeto de investigação:

Neste trabalho pretendo investigar e dar conhecer um pouco mais do património histórico e cultural português nomeadamente da cidade de Aveiro. A cidade de Aveiro tem um extensíssimo inventário de património mas neste projeto foquei-me em específico no inventário do património histórico religioso da Diocese de Aveiro, recolhido por Hugo Calão intitulado de "*Presente e Memória*" de onde retirei as informações iniciais para a iniciação deste trabalho.

Para isso, dividi este trabalho em várias partes que correspondem às alíneas que acima referi no índice. Inicialmente farei uma breve alusão à definição de património histórico e àquela peça que escolhi em particular para analisar neste projeto. Seguidamente, irei explicar a história, algumas características geográficas e curiosidades sobre os dois países envolvidos no culto portanto, Portugal e França. Nas alíneas três e quatro irei falar um pouco da confraria que trouxe esta peça para Portugal, a Confraria de Frades Hospitalários de *Rocamadour* na França, e sobre a história e o mito do Ermita Amador que deu origem a esta imagem e história.

Na alínea seguinte, teremos a explicação da ligação que Portugal tem com França, neste caso a ligação mais específica que a Vila de Soza tem com *Rocamadour*. Após isto, falarei sobre a dimensão deste culto no mundo e a sua dimensão em todo o Portugal continental e como o mesmo se espalhou nesta dimensão enorme. Na alínea nona, teremos uma análise da figura em trabalho e a análise de outras imagens da mesma Santa Maria de *Rocamadour*, mas com atributos, imagética e locais diferentes da sua permanência, que conclui assim a dimensão enorme do culto por Portugal Continental. Nesta alínea, foi também analisado a Virgem Negra de *Rocamadour* que faz alusão à Santa Maria de *Rocamadour* original apenas com uma imagética diferente e fora do normal.

Para finalizar, terei uma breve conclusão, onde admitirei aquilo que foi retirado deste trabalho de investigação e aquilo que de novo se descobriu após a investigação que desenvolvi, tal como uma Bibliografia e Webgrafia que ajudou à produção deste trabalho.

0.1.2. Objetivos do Projeto:

- Dar a conhecer o Património da cidade de Aveiro como parte de Portugal ao mundo;

- Criar um projeto de investigação sobre esta peça em concreto;

- Contribuir para a exploração da identidade cultural e material da cidade de Aveiro;

0.1.3. Motivação do Projeto:

No ano de 2016, um projeto foi avante denominado de *"Serenata a Santa Maria de Rocamadour",* fazia parte do projeto um grupo de um fadista e dois guitarristas onde eram cantados fados de carácter religioso e de alusão à Virgem Maria. A partir da primeira edição deste projecto (em 2016) fui-me apercebendo que a pesquisa sobre esta peça em concreto não era muita. Existiam algumas páginas acerca do tema e até um trabalho escrito pela Dr. Virgínia da Silva Veiga, mas pouco mais existia acerca do tema.

Sempre tive imenso gosto pelas imagens que existiam na Igreja onde todos os domingos frequentava a Eucaristia especialmente esta imagem tão enigmática e misteriosa, e assim aliando esse gosto a este projeto que me encheu o coração, o desejo de ajudar na investigação surgiu. Quando soube deste projeto *Eustory*, a partir da Professora Filomena Neves, Professora de História da Cultura e das Artes da Escola de Artes Performativas da Jobra, e em discussão com o Padre Nuno Duarte da Silva Queirós, Sacerdote na Paróquia da Vila de Soza, Santo António de Vagos e Fonte de Angeão, decidi embarcar neste projeto com o tema de Santa Maria de Rocamadour, a Virgem Emparedada, sob tutoria do Padre Nuno Queirós.

0.2.Património Histórico - O que é?:

0.2.1. Definição de património Histórico-cultural:

Património cultural é o conjunto de todos os bens, manifestações populares, lendas, cultos, música, arte e tradições tanto materiais como imateriais ou intangíveis que são reconhecidos de acordo com a sua ancestralidade, importância histórica e cultural de uma região para assim adquirirem um valor único e de durabilidade representativa e simbólica.

Este Património garante a continuidade da preservação da cultura do país e para que se assegure que nas gerações futuras se conheça o passado da região, as suas tradições, costumes, histórias, cultura e a identidade de um povo.

0.2.2. O património cultural visto pela igreja:

Para a Igreja, o Património Cultural é visto como um bem precioso para a Humanidade e para a Identidade Cultural do país como é dito na ata da Conferência Episcopal Portuguesa de maio de 1990: *"Nesta perspectiva, a Igreja considera o património histórico-cultural como um bem precioso da humanidade, das nações e das comunidades. Vê nele um expoente das culturas, respeita-o e promove-o, e preocupa-se com a sua criação, definição, salvaguarda e devida valorização por parte das pessoas, dos corpos sociais e do poder. "*

0.2.3. Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural:

Foi adotada em 1972 pela Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. E até então tem construído um dos instrumentos mais universais para assegurar a proteção do Património Cultural e Natural.

Assim, este documento pretende estabelecer quais são os bens que integram a lista de Património. Fixando assim, os deveres dos estados membros no desenvolvimento de uma ética de conservação do Património. Portugal aderiu a esta convenção alguns anos após o seu início no ano de 1979.

0.2.4. A peça de Património Português que escolhi:

A Imagem escultórica de Santa Maria de *Rocamadour* foi encontrada empareda entre os anos de 1971 e 1973 na Capela de Mártir São Sebastião também dita do "*Senhor*

dos Passos", no Concelho de Vagos e Diocese de Aveiro. Esta escultura encontra-se pouco estudada e sem muitas certezas acerca da mesma. Assim, pretendo criar e participar com este projeto de investigação para que assim exista outro documento de investigação sobre a peça.

Cláudia Daniela Andrade Almeida, Portugal
claudiadandradealmeida@gmail.com

Capítulo I - Rocamadour: Do Santuário de Rocamadour e da sua presença em Soza em Portugal

1.Vila de Soza - A história/ A Resenha Histórica:

Já em 1088, Soza era mencionada num testamento, retirado de um documento escrito pela Dr. Virginia da Silva Veiga: "*Inter uilla socia et cilla Illiauo*".

Algum tempo depois desta referência à Vila de Soza, em 1193 D. Sancho I definiu que esta seria a Capital dos Frades Hospitalários da Ordem de Santa Maria de *Rocamadour*. Vindo mais tarde, a administrar imensos hospitais de grandes referências de Guimarães a Lisboa por todo Portugal Continental.

Sem razão aparente ou justificada para que D. Sancho I tivesse doado Soza aos Frades de Rocamadour, já que tinha sido apenas há quatro anos a grande conquista da cidade de Silves em 1189, doa uma parte do território português a este culto de origem francesa.

Algumas fontes admitem a passagem de um cruzado francês que esteve durante algum tempo em Soza mas certos documentos e relatos por parte do povo alemão sustentam e contrariam a ideia francesa com a sua passagem pelo Condado de Silves conquistado por D. Sancho I alguns anos antes da doação de Soza. Excluindo de todo a hipótese pouco fundamentada e com falta de documentos escritos por parte do cruzado francês.

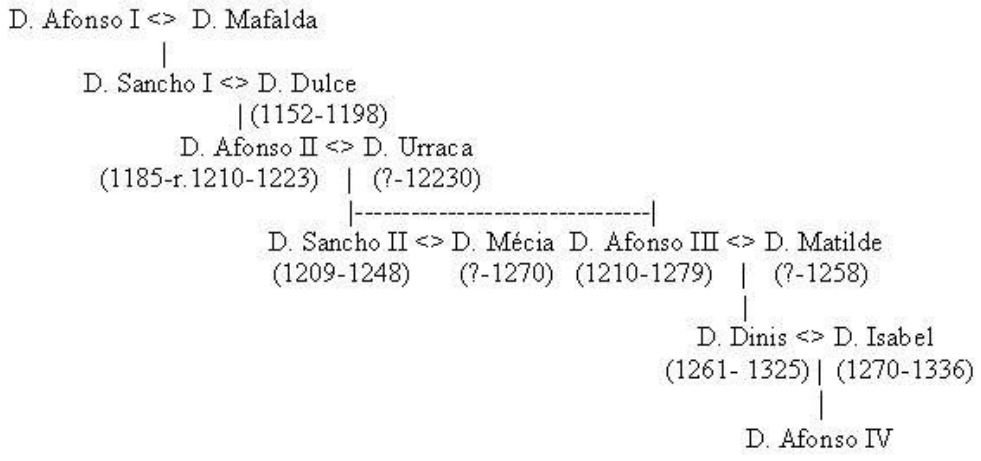


Fig.2 - Genealogia da Família e Descendência de S. Sancho I

D. Sancho era então casado com D. Dulce quando escreveu ou mandou escrever "*Os Documentos de D. Sancho I*", e neste mesmo documento podemos comprovar a doação da Vila de Soza pelo excerto do documento que abaixo insiro.

Diz o documento - cuja tradução refiro em baixo retirada do documento escrito por Dr. Virgínia da Silva Veiga "*Santa Maria de Rocamador de Soza - Além de uma simples estátua*" traduzido pelo latinista Manuel Ramos, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP): "*Em nome de Deus. Porque por antiga instituição do tempo, por débito do direito e por costume racional se manifestou entre toda a gente que a sucessão dos factos, o número de sucessos, o evento dos destinos fosse confiado ao texto escrito, para que os acontecimentos encomendados à memória dos homens não pereçam e os facto passados a todos se manifestem na atualidade, eis que eu, Sancho, pela graça de Deus rei dos Portugueses, filho do ilustríssimo Rei Afonso, de boa memória, e da Rainha Mafalda, em união com a minha esposa, a Rainha Dulce, e meus filhos e filhas, faço carta de doação e de eterna firmeza à Igreja de Santa Maria de Rocamador de uma vila que se chama Soza, que se situa no termo do Vouga, perto do mar. Damos esta famosa vila, com seus termos novos e antigos e com suas salinas e com todos os seus pertences e ainda com todos os bens que nela existem, tanto por direito nosso, como por direito do bispo, à igreja a de Santa Maria de Rocamador e aos frades que aí servem a Deus; e concedêmo-la coutada por direito hereditário e para que a possuam para sempre, tal como se prova pelos marcos que, por nossa ordem, aí foram cravados.*"

Em 1212, depois de decorrida a Batalha de Muradal (1195) o culto teria se generalizado em mais reinos da Península Ibérica e por fora, embora Portugal continuasse ainda a ser o país com maior área associada a este Culto, fez da Vila de Soza a Capital do Culto de Santa Maria de *Rocamadour* na Europa.

Foi em 1515 que por ordem de D. Manuel I, a Vila de Soza obteve o seu primeiro Foral Manuelino, que hoje conta já com mais de 500 anos de existência.

Segundo fontes da Junta de Freguesia de Soza, admite-se que em Soza pareciam ter havido duas Igrejas, que ainda hoje, na atualidade, existem (Capela de Mártir São Sebastião e a Igreja Matriz de São Miguel Arcanjo). Uma pertencia à Ordem dos Templários e depois foi doada por D. Sancho à Ordem Monástica dos Frades Hospitalários de Santa Maria de

Rocamadour (atualmente o culto desta igreja é dedicado ao Mártir São Sebastião). A outra Igreja denomina-se hoje como Igreja Matriz e dedica-se ao culto do Arcanjo São Miguel.

Com a ruína da primeira Igreja onde se via o culto de Santa Maria de *Rocamadour* de Soza crescer, a imagem foi transferida para a Igreja Matriz para que mesmo depois da reconstrução da capela onde estava anteriormente esta permanece-se em segurança e aberta ao público devoto a este culto.

Esta imagem tem pouca fundamentação em relação à sua datação, no entanto variadas fontes assumem que esta pertence a um período de transição entre o século XIII e o ínicio do século XV. Está atualmente guardada no Museu Paroquial da Igreja de Soza e foi investigada pela altura da recolha de inventário de Património da Diocese de Aveiro pelas respectivas equipas de inventário de cada paróquia e com a ajuda de Hugo Calão e da equipa do secretariado do inventário de património da Fábrica da Igreja da Diocese de Aveiro foi compilada.

Aquando da construção do livro do inventário da Diocese de Aveiro por Hugo Calão chegou-se à conclusão que a mesma seria do início do século XV, ou seja seria um excelente exemplo da passagem da época Românica para a época Gótica.

Estes frades não foram os únicos que passaram pela Vila de Soza, também os romanos deixaram a sua marca na mesma. O atual cemitério era uma construção de defesa, onde existiam cubelos (torreão da antiga fortaleza) e algumas ferrarias junto ao lugar atual do Boco, perto das Azenhas do Boco. Dos antigos casais a poente da Igreja Matriz nada existe, ou nada restou daqueles tempos.

Quando se procedeu a escavações para implantar os muros do atual cemitério descobriram-se sarcófagos de tijolo em barro com cobertura de calcário com caracteres tidos como indecifráveis e vasos cerâmicos junto às ossadas. Segundo Dr. David Cristo tratavam-se de Sepulturas de povos Godas.

D. Sancho I deu a Vila de Soza à Confraria de Frades Hospitalários de Santa Maria de *Rocamadour ("Eclesie Sancho Mariae Rupe Amatoris de Villa que vocatour Sosia et fratrubus ibiden Deo servienbus")* em 1192, ato confirmado por D. Dinis, D. Afonso III e D. Fernando.
D. Sancho não ofereceu unicamente a Vila de Soza aos Frades, mas esta foi a sua principal doação a esta confraria.

Os Frades fundaram uma Igreja e um hospital junto ao mar (juntos das atuais marinhas do atual canal do Boco, lugar da Vila de Soza). Tanto a Igreja como o Hospital

foram destruídos por um maremoto ou sismo segundo algumas pessoas da vila que o reportaram. Os Frades vieram então ocupar-se da Igreja Matriz atual que se transformou num Centro de Peregrinações equivalente ao Santuário de *Rocamadour* em França.

Parece poder concluir-se, que foi em Soza a Sede da Ordem Monástica de *Rocamadour*. Embora este culto tenha se dado inicialmente no rochedo de Rocamadour, onde atualmente se ergue o santuário de Nossa Senhora do *Rocamadour*, ele alastrou-se a todo o Portugal embora não se saiba exatamente em que medida, mas, segundo alguns documentos encontrados entretanto, D. afonso III e D. Isabel de Aragão ou a Rainha Santa deixaram nos seus testamentos legados a esta mesma Confraria.

Em Portugal, estes frades construíram casas por todo o país. Em Coimbra, constituíram uma casa que se encontra no Quintal dos Fuzeiros e que se encontra referida no ano de 1360, o que denota que em 1360 este culto já se encontrava de forma bastante desenvolvida em Portugal e na Vila de Soza, e por isso mesmo o seu início fora anterior a esta data.

Por uma razão mal definida e mal fundamentada, Soza foi então retirada à Confraria Monástica de Frades Hospitalários de *Rocamadour* e dada a João de Souza que foi nomeado Comendador da Ordem de S. Tiago e mais tarde foi-lhe dado o título de Senhor da Vila de Soza.

Esta ordem era riquíssima e veio a ter casas em Coimbra, Lisboa, Torres Vedras e Guarda. Todas elas eram dependentes da Sede Medieval de Soza. E assim esta riqueza subverteu o espírito original. D. Afonso V em 1481 através do Papa Sisto IV extinguiu a Ordem Monástica por esta mesma razão e segundo a acusação de que a mesma ordem teria perdido o espírito original por ter ganho demasiado riqueza.

Quando falecido o sexto Senhor de Soza e por aliança de família, a Vila de Soza passou para as mãos dos Duques de Lafões.

Deste passado histórico e do culto francês existem duas imagens testemunhas que hoje permanecem na Igreja Matriz de São Miguel Arcanjo de Soza. Uma existiria já há bastante tempo exposta na igreja, mas a imagem mais antiga e que aqui está em estudo remonta o tempo da instalação dos frades em Soza, esteve durante vários anos perdida ou desaparecida.

Alguns aldeões que ainda hoje passam e vivem na vila de Soza, contam que a imagem foi guardada pelos frades, depois da sua trasladação da Capela de S. Sebastião para

a Igreja Matriz , para que a mesma não fosse roubada nem danificada pelo seu grande valor material e simbólico para a confraria.

Felizmente em 1971-1973, encontrou-se a primitiva imagem de Santa Maria de Rocamadour de Soza que se encontra atualmente no Museu Paroquial da Igreja Matriz da Vila de Soza. Esta foi encontrada aquando das obras de requalificação da Capela de São Sebastião algumas vezes tida como do *"Senhor dos Passos"* quando a equipa de construção pôs abaixo uma parede da Igreja encontrou-se a imagem entre as várias camadas da parede por detrás do altar-mor. Informação esta obtida sob o testemunho do falecido e antigo Pároco da Vila de Soza entre os anos de 1967 e 1984, altura em que as obras de requalificação da Capela de Mártir São Sebastião se deram, Padre António Fragoso Tavares.

Fig. 3. Santa Maria de Rocamadour séc. XIV

Fig.4. Santa Maria de Rocamadour, séc. XV

A primeira imagem (Figura 3) foi encontrada aquando a obras de restauro da Capela de São Sebastião também dita do *"Senhor dos passos"*, esta imagem é de calcário e com vestígios de Policromia já muitos desfeitos e pouco visíveis. Apesar das condições em que esteve e de ter perdido qualidade, ela continua a ser um excelente exemplar que parece retratar um tempo entre o século XIII e o século XV, portanto a viragem medieval do Românico para o Gótico.

A segunda imagem (Figura 4) encontra-se na igreja há muito tempo e é uma Senhora Coroada da Romã que é também de calcário policromado e data da primeira metade do século XV sendo atribuída a Escola de João Afonso (escola de Coimbra - imagem similar

encontra-se no Núcleo Museológico do Museu Nacional de Arte Antiga do Mosteiro do Crato).

2.História de Rocamadour, França:

Rocamadour em França é uma cidade medieval que está localizada no *Cantón de Gramat* banhada pelo Rio de *Alzou,* dentro do departamento de *Lot*. A entrada da cidade faz-se a partir do Portão *Figuier* e através da *Rue de la Courdonnerie*. Passando também pela escadaria (com cerca de 233 degraus) através da qual entramos no coração da cidade de *Rocamadour*.

Durante a Idade Média, *Rocamadour* teve uma forte afluência de peregrinos. Esta dimensão mundial foi adquirida maioritariamente pelo Abade da Abadia de *Tulle, Géraud d'Escorailles*.

Desde 1152, o Abade Géraud d'Escorailles impulsionou a construção de variadas igrejas, capelas e outros santuários no território dos ermitas.

Na zona rochosa de *Rocamadour* (daí ser conhecida como a cidade erguida na rocha, vindo daí a sua denominação *Rocamadour*) encontrou-se uma Imagem de Madeira, conhecida como "A Virgem Negra de *Rocamadour "* que recebeu este mesmo nome da tradução de *Rocamadour* para Rocha Maior ou até Rocha de Amador. Esta Virgem Negra é talhada em Madeira e foi construída no século XII e encontra-se nos dias de hoje na Capela de *Notre Dame de Rocamadour*.

Em 1166, descobriu-se um túmulo que se admite ser do tal Amador que viveu na ermida da rocha de *Rocamadour*. Alguns anos após a descoberta do corpo na tal ermida, foram feitos exames que vieram trazer dúvidas sobre a identidade do mesmo dizendo que este Amador era na realidade Zaqueu, marido de Verônica.

Na altura foi colocada alguma curiosidade sobre o facto da existência de uma espada cravada no túmulo de Amador (ou Zaqueu) na Capela Cripta de *Rocamadour*. Esta espada cravada na Rocha coincide com a lenda popular da famosa espada de Rolando (Roldán) de *Roncesvalles* durante a Guerra com mouros em *Durandal*.

A lenda assim conta: Carlos Magno aguardava em Zaragoza a resposta do mensageiro que enviou para a conclusão de um negócio. Este volta e sem notícias do

negócio. Sem Carlos Magno saber este tal mensageiro teria se aliado ao muçulmano com quem teria feito o negócio e tinha planeado uma traição para com Roldán, sobrinho de Carlos Magno, e tão odiado cavaleiro por este mensageiro.

Carlos Magno então volta para a França, mas encomenda ser guardado pelo exército de Roldán. Estes soldados entram em guerra com o tal mensageiro e os mouros, atacando cristãos. Desta Guerra apenas sobrevive Roldán e outros poucos. Roldán pede ajuda usando a sua corneta quando de novo volta a ser atacado pelos mouros. Magno esperando notícias de Roldán, seu sobrinho, enquanto jogava xadrez com o mensageiro achando que ele era de confiança. Ao ouvir o som da corneta de Roldán levanta-se e vai em socorro do seu sobrinho. O mensageiro impede-o.

Os mouros que atacavam Roldán acabam por matar todos e Roldán desesperado tenta quebra a sua espada de Durandal contra uma rocha, porém esta não se tinha quebrado. Volta para Espanha e Carlos Magno acaba por mais tarde acabar com o inimigo (o mensageiro).

Carlos Magno recolhe o cadáver de Roldan e dos seus doze pares e sepulta-os em Roncesvalles na capela funerária de *Sancti Spiritus* e retorna para o seu palácio.

Com este episódio da morte de Roldán e dos doze pares, Roncesvalles passou a ser mito e os peregrinos visitavam a capela e rezavam frente a espada de Roldán. Trovadores e Jograis cantavam sobre Roldán e o seu feito.

Curiosamente, várias lendas dão importante papel às espadas como por exemplo o Rei Artur e a Excalibur, e Roldán e a sua espada de Durandal não eram excepção. Roldán após tentar partir a espada contra uma pedra mas não tendo sido bem sucedido, tenta de uma segunda vez atirá-la contra uma montanha e a mesma foi parar a França, onde hoje se encontra cravada numa rocha da capela onde está sepultado São Amador.

Terminando esta alínea, estas lendas acima referidas foram difundidas por monges beneditinos dos mosteiros que por perto se encontravam do lugar, nomeadamente os monges de *Quercy* e dos Pirinéus. Nenhuma delas se encontra confirmada porque como já é conhecido todas as lendas são mitos.

3. A confraria dos Frades de Santa Maria de Rocamadour:

A Confraria dos Frades de Santa Maria de *Rocamadour* é uma congregação antiquíssima de frades que se dedicavam à assistência daqueles que percorriam os caminhos de Santiago até chegar a um dos maiores santuários, que é o Santuário de Santiago de Compostela, que conta com a maior afluência de peregrinos nos dias de hoje.

Estes Frades eram vocacionados para fins humanitários, nomeadamente para o apoio aos peregrinos que se dirigiam a Santiago de Compostela, e estabeleceram-se em Portugal no ano de 1192, mas já existiam anteriormente em França. Sendo que, a sua padroeira tem como origem no mito do Ermita de Amador que escavou uma imagem da Virgem Maria na Rocha onde hoje existe o Santuário de *Rocamadour* e a cidade de *Rocamadour*.

Soza, após vários anos nas mãos da Confraria de *Rocamadour*, foi retirada aos mesmos, por uma razão mal fundamentada e dada a João de Souza que foi assim então nomeado Comendador da Ordem de S. Tiago e veio a ser mais tarde Senhor da Vila de Soza. Sendo que, esta ordem enriqueceu imenso nos anos em que estava sediada na Vila de Soza, e pelo facto de ter tantas propriedades materiais e casas pelo país fora em sua posse, D. Afonso em 1481, através da ajuda de Papa Sisto IV, extinguiu a ordem sob acusação de que o espírito original não se encontrava mais na Ordem Monástica e nos frades que a ela pertenciam.

Fig. 5 - Medalha da Confraria de Frades Hospitalários de *Rocamadour*

4. A História do Ermita de Rocamador:

Acerca da história ou mito do Ermita de *Rocamadour* existem duas versões que podem ser aceites, uma delas é uma versão mais popularizada pelo povo da zona e a outra foi criada por um Frei de nome Agostinho de Santa Maria o que dá alusão de ser da Ordem Monástica de Santa Maria de *Rocamadour*.

4.1. Primeira versão da lenda de Amador:

Amador, teria sido uma personagem muito importante na vida e no crescimento de Jesus Cristo. Ele teria sido quem o tinha trazido muitas vezes ao colo, teria sido como uma ama para o menino Jesus. Após a morte de Jesus Cristo e da sua mãe, Amador teria feito como Maria lhe tinha pedido, ir para a França acompanhado com a sua mulher e refugiar-se numa ermida para que ninguém soubesse dele.

Este receoso das perseguições aos cristãos seguiu o seu caminho de barco da Palestina para a França mas mudou o seu nome para Amador para que não descobrissem que ele era seguidor de Cristo.

A mulher dele então faleceu e ele refugiou-se na Ermida da Rocha sem que mais ninguém ouvisse falar dele.

Doze séculos depois, alguns monges de uma Ermida nos Pirinéus encontraram o seu túmulo. Desde então aquele local passou a ser alvo de várias peregrinações a cristãos tornando-se num santuário nomeado de Santuário de Nossa Senhora de *Rocamadour*.

4.2.Segunda versão da lenda de Amador:

A lenda, contada pelo Frei Agostinho de Santa Maria começa da mesma forma que a anterior inicia.

Amador teria sido um criado da mãe de Jesus que o tinha ajudado a criar. Quando a mãe de Jesus faleceu este fez como ela lhe tinha pedido, rumar a França e refugiar-se no Cadulco, que era um inacessível rochedo.

Ele fez do Cadulco (Penha) a sua casa, onde viveu com a sua mulher até esta ter falecido. A partir daqui, viveu em silêncio na ermida tal como a mãe de Jesus havia pedido antes de morrer. Nesse local, onde o Ermita Amador viveu diz ter construído uma Capelinha em Honra da Virgem Maria a quem deu o nome de Santa Maria da Rocha (ou Santa Maria de *Rocamadour*) e pouco após finalizar a sua construção ter morrido.

Entretanto, dois freires investigadores da zona sepultaram o corpo numa ermida das proximidades que teria sido erguida por alguns cristãos franceses primitivos.

A designação de *Rocamadour* é significado de um Homem solitário habitante de uma penha com a palavra Roca ou rocha. Daí ser *"Roc = Rocha ou roca e Amador = habitante solitário de uma penha"*.

Esta versão não tem fontes que a atestam (contrariamente a versão popularizada afirmada apenas pelos habitantes de *Rocamadour*) embora em 1166 quando ao encontro do corpo de Amador: *"Aquelle lugar foy dally por diante muy celebre e muyto frequentado de peregrinos"*, isto que foi retirado de um excerto da história contada por Frei Agostinho de Santa Maria.

Nos finais da Idade Média, identificou-se que Amador era na realidade o pseudónimo para Zaqueu e assim a sua mulher era Verónica. O seu nome ficou durante muitos anos sem ser conhecido pela mesma razão que ele o escondeu, por causa das perseguições aos cristãos.

No século XII, *Robert Thorigny* narra uma crónica de uma das lendas deste lugar. Explica que em 1166, um habitante da zona de *Rocamadour* quis ser enterrado na entrada do Santuário (oratório). E quando foram a abrir a cova para enterrar o mesmo encontraram o corpo de Amador imutável.

Conta-se também pelo povo, que o corpo de Amador permaneceu imutável até à atualidade pois tinha morrido por amor e assim foi posto o nome à zona de Rocha do Amor = *Rocamadour*, sendo esta outra explicação para o nome da zona ter ficado *Rocamadour*.

Cláudia Daniela Andrade Almeida, Portugal
claudiadandradealmeida@gmail.com

Está claro que estas histórias e crônicas são apenas lendas e mitos e portanto não nos podemos guiar pelas mesmas para assumir qualquer conclusão que seja.

5.Ligação de Rocamadour a Soza:

A devoção de Santa Maria de *Rocamadour* tanto na Vila de Soza como em *Rocamadour* é testemunhada desde a Idade Média, segundo alguns relatos do povo. Esta estátua que permaneceu em Soza, não fez o culto de Santa Maria de *Rocamadour* morrer, especialmente após a segunda imagem da Virgem ter sido encontrada emparedada entre o ano de 1971 e 1973, na Capela de Mártir São Sebastião (Figura 3).

A mesma imagem data do ínicio do século XV e é um excelente exemplar da transição do período Românico para o período Gótico.

Esta devoção começou a ser generalizada a partir do século XII. E esta peça chamava à atenção do público e do povo pelos seus traços grosseiros e por ser *"feia"* como era tida pelo povo, o que a tornava ainda mais enigmática e chamativa.

Esta vila, teve uma sede medieval portuguesa desta devoção fundado pelo Frades Hospitalários de Santa Maria de *Rocamadour*. No entanto, enquanto França continuou a receber todo o mérito e turismo deste culto, Soza ficou perdida na história e ninguém conhece a existência desta devoção neste local, e outros tantos por Portugal sempre dependentes da sede medieval da Vila de Soza.

Santa Maria de *Rocamadour* de Soza ou a Virgem Emparedada como se designa para evitar comparação com outra imagem que se encontra na Igreja de Soza, simboliza um culto medieval e encerra potencialidade pelo quanto pode trazer de renovação de interesse por História de Arte, História de Portugal e pelo Património Histórico Português e Francês.

Afirma-se que já no século IV haviam existido ermitas que criaram um hospital para peregrinos o que sugere que esta devoção e esta Ordem Monástica já existia muito antes do século XII (quando se encontrou o corpo de um ermita).

Ninguém sabe exatamente como tudo aconteceu mas o culto existiu, existe e teve particular relevo pelos séculos XII a XIV, não só em França mas em Portugal também (em Soza e outras tantas casas formadas por estes ermitas como na Guarda, Lisboa, Coimbra, Porto, Torres Vedras, Guimarães, Lamego, Chaves, Braga, Leiria e Santarém, entre outras que não chegaram aos nossos tempo e são hoje totalmente desconhecidas).

Também a lenda de Santa Maria de *Roncesvalles* é ligada a D. Sancho I e ao hospital tão célebre pela batalha que ali os mouros tinham dado a Rolando de *Roncesvalles* (Conde). Isto tudo terá acontecido no ano de 778, mito que expliquei anteriormente na alínea número dois.

É relatado o facto de um Abade de *Cahors*, Edmond Albe, nas respectivas investigações nada ter encontrado de onde pudesse concluir como surgiu a ideia da espada de Rolando ter sido cravado no Rochedo em *Rocamadour* tendo admitido esta invenção ser de D. Isabel de Aragão porque mencionou *Roncesvalles* no testamento onde atribui donativos ao culto de *Rocamadour* (*"Recamadour"*).

A investigação mais profunda poderá vir a justificar a existência em Portugal de várias versões do culto próximas da origem da nacionalidade e tão profundas que levaram D. Isabel, a Rainha Santa a contemplá-las de forma autónoma. A Rainha Santa pediu várias vezes para serem levadas avante investigações na tentativa de explicar esta crença e também tentaram através da Lenda de *Robert Thorigny* (abade eleito em 1154) e do Monte de São Miguel na França.

A Vila de Soza foi então o primeiro local onde na História de Portugal houve uma grande devoção ao Culto de Santa Maria de *Rocamadour*, sendo que a França foi o primeiro no mundo, já que o culto nasceu lá.
Dentro destes dois lugares existiram outros mais, mas estes dois foram os de maior devoção e maior dimensão. Em Portugal, para além de Soza existiram outras tantas casas como acima apresentei no entanto todas elas eram dependentes da grande Sede Medieval de Soza que funcionava como um centro organizador das outras casas que existiam em Portugal continental.

Cláudia Daniela Andrade Almeida, Portugal
claudiadandradealmeida@gmail.com

Assim as únicas certezas são que o culto existia com esta designação antes de D. Sancho I mas não se sabe desde quando especificamente. Outros frades comprovam a sua passagem por Soza como a Ordem Monástica de São Bento da antiga região de *Quercy* situada em *Rocamadour*.

No século XII, a veneração figurativa patente neste inóspito rochedo francês de *Rocamadour*, e em verdade existe ou existiu um relicário que nunca se soube o que lá conteve porque se perdeu.

Assim, podemos admitir que a Vila de Soza e *Rocamadour* têm uma forte ligação entre eles pois, sem *Rocamadour* Soza não teria acesso a este culto e a esta estatuária, e *Rocamadour, por consequência,* não tinha tanta influência no mundo como tem graças à grande sede medieval do culto na Vila de Soza.

Cláudia Daniela Andrade Almeida, Portugal
claudiadandradealmeida@gmail.com

6. O culto espalhado por Portugal Continental:

6.1. Ermida da Nossa Senhora do Ameal, antiga Ermida de Nossa Senhora do *Rocamadour*:

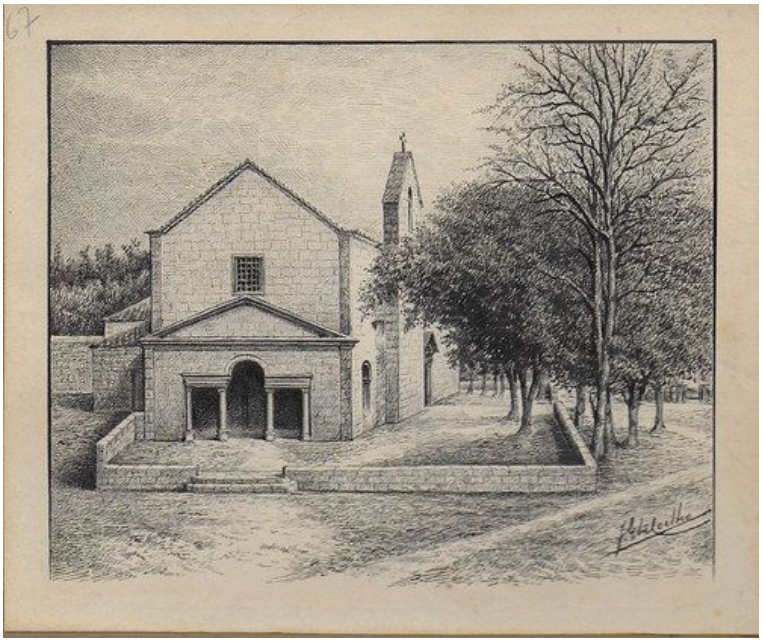


Fig. 6 - Ermida da Nossa Senhora do Ameal, antiga Ermida de Nossa Senhora do *Rocamadour*

A data da fundação desta primitiva Ermida da Nossa Senhora do Ameal permanece indefinida, mas segundo consta este templo foi possivelmente a primeira Igreja Paroquial na Região de Torres Vedras.

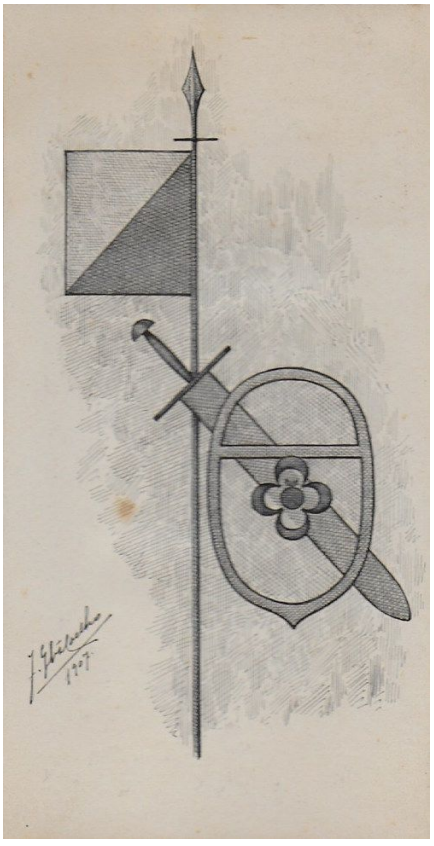
Sabe-se que em 1310 a Rainha D. Isabel fundou nas dependências da Ermida um Hospital de Nossa Senhora de *Rocamadour*, pertencente à Ordem de Santa Maria de *Rocamadour*, o que comprova que estava já edificada no início do século XIV. Em 1337, o Hospital foi entregue à Confraria dos Alfaiates que se comprometeu a socorrer e a dar

albergue aos pobres da região, cumprindo com a missão da confraria hospitalária de *Rocamadour*.

Depois, o hospital foi transferido para outra rua em 1507, e a ermida foi completamente remodelada. Entre 1550 e 1560 era executada a campanha de obras que conferiu assim ao templo o seu traçado actual. Em 1767 e 1858 foram executadas novas obras que tinham o objetivo de aumentar o espaço do templo.

A capela, de planta longitudinal, apresenta uma tipologia maneirista de alguma erudição, num modelo bastante simples e austero. A nave única do mesmo é precedida por Galilé (recinto coberto, suportado por pilares ou colunas que constituía uma entrada alternativa e lateral à entrada principal e um espaço dedicado à celebração de assembleias de fiéis) com colunas toscanas e frontão triangular, de inspiração *palladiana*. Na fachada lateral foi aberto um portal de modelo serliano, assente em colunas toscanas com um frontão triangular.

Nas obras quinhentistas, foram reaproveitados alguns elementos anteriores, como a torre sineira, colocada sobre a fachada lateral, os azulejos mudéjares que compõem o lambril da nave, o conjunto de azulejos hispano-árabes que decoram o altar, e a pia baptismal de tipologia manuelina.



Cláudia Daniela Andrade Almeida, Portugal
claudiadandradealmeida@gmail.com

Fig.7 - Nossa Senhora do *Rocamadour*, Torres Vedras

Fig. 8 - Pedra sepulcral de um templário na Ermida, Torres Vedras

O interior, possui ainda um púlpito de pedra quinhentista e capela lateral dedicada a Nossa Senhora de *Rocamadour*, edificada em 1719, cujo retábulo integra uma imagem policromada da padroeira datada do século XV. A capela-mor é coberta por abóbada de nervuras, e o altar possui retábulo de talha executado em 1767, com imagem da Senhora com o Menino.

Ao acervo da Capela de Nossa Senhora do Ameal pertencia ainda um conjunto de pinturas do século XVI, com representações de São Pedro, São Paulo, São Lourenço e São Sebastião, que actualmente se encontram no Museu Municipal de Torres Vedras.

6.2. Igreja Matriz de Castelo Rodrigo, Porto:

Fig. 9 - Igreja Matriz de Castelo Rodrigo

Esta Igreja Matriz dedica-se à Nossa Senhora de *Rocamadour* e foi fundada no século XIII pela Confraria dos Frades Hospitalários de Nossa Senhora de *Rocamadour*.

A sua tipologia foi mantida igual durante vários anos e é um excelente exemplar da transição entre o período Românico e o período Gótico. É considerado um dos monumentos com melhor carácter de transição deste período.

Esta igreja possui planta composta, com três naves e pórticos de veiga reta com entrada por um frontão retangular. No seu interior é de admirar o seu teto com caixões de madeira pintada com cenas hagiográficas. Na capela-mor, podemos ver azulejos do século XVIII, azuis e brancos e no altar-mor hispano-árabes. A igreja foi restaurada no final dos anos 90 no âmbito do Programa *Aldeias Históricas de Portugal*.

Em 1192, estabeleceu-se em Portugal uma Confraria de Frades Hospitalários de *Rocamadour* que vinham de uma terra erguida na Rocha, ou seja *Rocamadour* na França, e estes Frades tinham por missão auxiliar os peregrinos que se dirigiam para Santiago de Compostela, até então o maior centro de peregrinação cristã da Europa na altura e ainda hoje permanece um dos mais conhecidos.

Os Frades ergueram uma igreja dedicada a Nossa Senhora de *Rocamadour* naquela zona do Porto, dando-lhe como padroeira aquela Santa que era tão venerada na França.

Algumas fontes populares afirmam que aquela Igreja tem como padroeira a Nossa Senhora do *"Reclamador"* e não a Nossa Senhora de *Rocamadour*. Mas na realidade este nome *"Reclamador"* é simplesmente um deturpação feita pelo povo que na altura não sabia falar francês e concluíram que assim fosse a pronúncia mais correta ou até a tradução do francês para o português da altura.

Assim, Nossa Senhora do *"Reclamador"* é apenas uma deturpação, sendo que a padroeira daquela igreja é na verdade a Nossa Senhora do *Rocamadour*.

A igreja foi bastante alterada durante o século XVII, embora conserve na sua estrutura os contrafortes iniciais. No altar-mor, existe uma escultura de madeira do século XVII que representa a padroeira da Igreja.

No púlpito renascentista da Igreja, em granito, pode ver-se uma Vieira, símbolo da peregrinação a Santiago de Compostela. Destaca-se ainda uma imagem em madeira, também do século XVII, representando Santiago Matamouros a cavalo, com trajes da época, dando a alusão à forte peregrinação a Santiago de Compostela e à ajuda que os frades concediam aos peregrinos.

"A antiga vila de Castelo Rodrigo, cercada pelas muralhas edificadas no reinado de D. Dinis, estava integrada na rede medieval dos caminhos de peregrinação de Santiago de Compostela, pelo que o templo paroquial edificado no centro da praça de armas servia de

abrigo aos peregrinos que por ali passavam. A igreja mantém a tipologia primitiva, algo eclética, uma vez que apresenta um modelo de transição entre o românico e o gótico (...). Essa estrutura assemelha-se a alguns templos da região, como as matrizes de Escarigo, Mata de Lobos ou Vilar de Torpim. No entanto, foram executadas campanhas de obras posteriores, nomeadamente nos séculos 16 e 17, que alteraram o programa decorativo do templo." retirado da página online *"Aldeias Históricas de Portugal"*

6.3. Hospitais-Albergaria de Rocamadour e D. Lopo, no Porto:

" Na história da assistência na cidade do Porto, duas instituições se destacam: O Hospital-Albergaria de Rocamadour e o Hospital-Albergaria D. Lopo."

Fig.10 - Esboço do Hospital - Albergaria de Rocamador

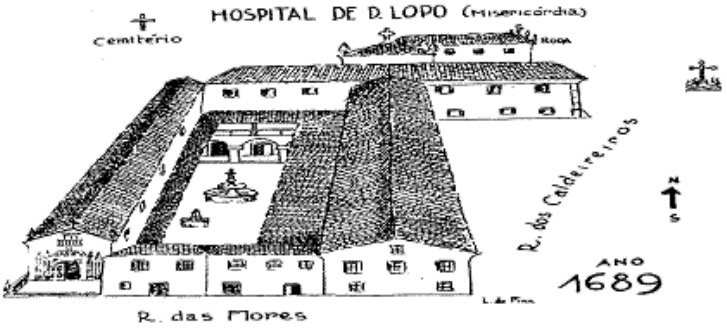


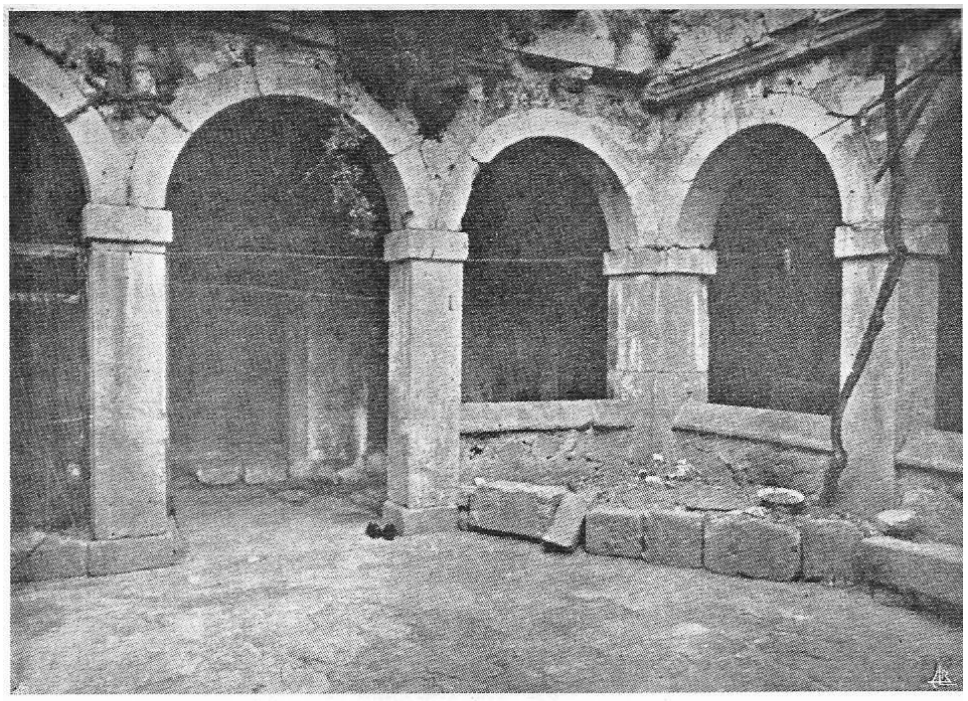
Fig. 11 - Esboço do Hospital - Albergaria de D. Lopo

Foi em 1518 que a Rua das Flores no Porto foi inaugurada e já ali existiam registos de uma pequena albergaria (designação atribuída aos hospitais naquela altura) na qual se dava

alguma assistência a doentes e necessitados. Esta cuja origem do nome se desconhece por completo e foi a primeira a ser fundada na zona do Porto ainda no tempo de D. Sancho I.

Durante o século XVI este foi considerado um dos melhores hospitais da altura. Em 1521, D. Manuel I decidiu anexar o mesmo à confraria da Nossa Senhora da Misericórdia , juntando-o ao Hospital de Santa Clara e ao de Santo Ildefonso que já existiam na zona do Porto.

Assim, após a morte de D. Lopo de Almeida em 1584 (um fidalgo de alta sociedade e riquíssimo em bens materiais), com os avultados bens que deixou, pediu no seu testamento que se voltasse a reconstruir a albergaria de *Rocamadour* que foi assim alargada para satisfazer a vontade do nobre homem e passou a ser conhecido como o Hospital de D. Lopo, sendo que a sua reconstrução começou em 1605, e lhe foi dada o nome do seu patrocinador, D. Lopo de Almeida.



«Claustro do antigo hospital de Rocamador, nas traseiras da casa n.º 171 da Rua das Flores».

Fot. do sr. eng. Guilherme Bonfim Barreiros, in «Aspectos Arqueológicos e Artísticos da Cidade do Porto».

Fig.12 - Claustro do antigo Hospital de *Rocamadour*, no Porto

6.4. Outras Versões da Santa Maria de *Rocamadour* em Portugal:

Fig. 13 - Santa Maria de *Rocamadour* de Alijó, Museu Soares dos Reis

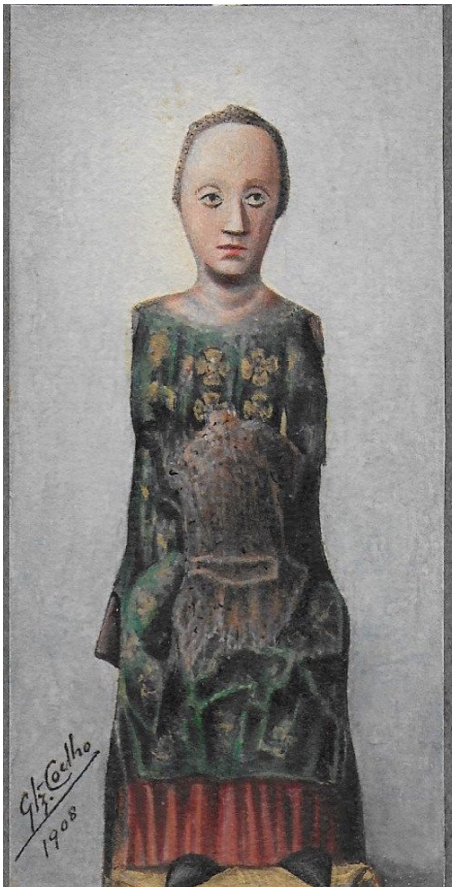


Fig. 14 - Santa Maria de *Rocamadour* de Guimarães, Igreja Notre Dame de Oliveira

Cláudia Daniela Andrade Almeida, Portugal
claudiadandradealmeida@gmail.com

Fig.15 - Virgem de *Rocamador* de Palencia, Espanha

Fig.16 - Estela de Santa Maria de *Rocamadour*, Navarra (Espanha)

Cláudia Daniela Andrade Almeida, Portugal
claudiadandradealmeida@gmail.com

Capítulo II - Iconografia de Santa Maria de Rocamadour

1.As várias esculturas da Virgem:

A Vila de Soza reserva ainda hoje duas estátuas representantes desta Virgem da Romã ou Virgem Coroada, ambas estátuas de vulto redondo. As duas peças embora já permaneçam na Igreja há bastantes anos continuam datadas sem precisão, apenas um período de tempo que se admitiu ser fiel.

A primeira imagem (Figura 3) é talvez um pouco mais arcaica que a segunda, pelas feições menos expressivas, reais e tecnicamente mais imperfeitas que a imagem seguinte (Figura 4). Também a extrema descoloração e o desgaste que ela apresenta é sinal de que foi mal guardada ou então foi alvo de qualquer tipo de repinte.

No entanto, sabe-se que esta peça só apareceu no inventário da Paróquia da Vila de Soza quando entre 1971 e 1973 por altura das obras de requalificação da Capela de Mártir São Sebastião ao se desmantelar a parede por detrás do altar-mor se depararam com esta imagem emparedada. E segundo a lenda deste local e dos frades hospitalários de Santa Maria de *Rocamadour*, é possível que tenha sido assim guardada porque era de extremo valor e sentimento para a confraria. Daí ter sido dado o nome a esta peça de Virgem Emparedada, como admite o título deste trabalho e para que se evite a confusão entre as duas imagens presentes hoje na Igreja Matriz.

Esta peça admite-se que não ultrapassa o século XIV e é feita em Pedra calcária.

A segunda imagem (Figura 4) mariana desta Virgem encontra-se na Igreja Matriz de São Miguel de Soza e permanece desde há alguns anos exposta ao público. Esta imagem tem um cariz mais recente, não só pelo pouco desgaste que aparenta como pela técnicas de

construção e expressividade da mesma, o que nos dá indicações de que seja uma peça dos finais da época gótica, século XV , assim datada por Hugo Calão, mestrado em História de Arte e Património Histórico, no inventário de Património Histórico da Diocese de Aveiro.

Esta imagem contém novamente a romã do lado direito e o Menino Jesus que desta vez carrega um pergaminho com uma inscrição. Esta inscrição após muito estudada e com ajuda da Professora Ana Cristina Correia de Sousa, Professora de Iconografia Religiosa da Faculdade de Letras do Porto, chegamos a uma possibilidade de ser a seguinte escritura: "Eu sou a luz do Mundo" (Jo 8, 12), embora ainda sem certezas absolutas.

Existe no entanto outra peça em *Rocamadour*, mas esta com uma iconografia um pouco diferente em relação a estas anteriores. A Virgem que se encontra em *Rocamadour* é uma Virgem Negra (Madona Negra), uma virgem de tonalidade escura fora do normal e contrária às anteriores. Foi feita uma réplica desta mesma Virgem Negra que hoje se encontra exposta na Igreja Matriz de Soza, transportada de França para Portugal pelo grupo de Peregrinos Sozenses que em Fevereiro de 2018 visitaram as origens da Vila de Soza em *Rocamadour*.A mesma foi uma oferta da Paróquia de *Rocamadour* na França ao grupo de peregrinos que se deslocou à cidade de *Rocamadour* e ao Santuário de *Rocamadour* para conhecer as raízes da Vila de Soza.

Esta Virgem encontra-se sentada num trono, coroada a ouro, encontra-se sentada assimetricamente e com o menino sentado no joelho esquerdo da Virgem. Nesta imagem, a Virgem não tem nenhum dos atributos, nem a Romã nem o Globo cruciforme ou o pergaminho com a inscrição. Esta Imagem faz parte das Virgens sentadas no Trono que mais tarde deram origem a série das Virgens da Ternura, contrariamente às anteriores que eram Hodigitrias iconograficamente classificadas.

1.1.Análise da Imagem de Santa Maria de *Rocamadour*:

Esta é uma imagem dos finais do século XV, lavrada numa só rocha calcária com policromia já um pouco delicada mas ainda são visíveis as cores típicas e tradicionais das vestes da Virgem Maria.

Temos uma Virgem coroada com o menino ao colo. A Virgem tem como atributos na mão direita uma romã e o menino ao seu colo tem um pergaminho aberto com uma

inscrição já re-pintada várias vezes, e por isso não se pode ter a certeza do seu significado atualmente.

No núcleo Museológico do Museu de Arte Antiga do Crato, existe uma imagem similar. Esta imagem é dita ser de obra da Escola de João Afonso, ou da Oficina de Coimbra, e parece puder ser concluído que esta que se encontra em Soza poderá também o ser.

Fig. 17 - Santa Maria de *Rocamadour*, Soza

1.2.Análise da Virgem Negra:

A Virgem Negra encontra-se na Igreja de Notre Dame de *Rocamadour* que foi escavada na rocha em 1479. Esta imagem é construída num só pedaço de madeira negra, e faz parte da ordem das Madonas Negras, contrariamente às outras imagens que são de cor clara.

Estas normalmente são figuras femininas e encontram-se em locais de grande veneração e culto pela Virgem Maria, como por exemplo *Rocamadour* que tem como padroeira uma Virgem, Santa Maria de *Rocamadour*.

Fig. 18 - Virgem Negra de *Rocamadour*, França

Fig.19 - Aproximação da coroa e detalhe no colar, Virgem Negra de *Rocamadour*, França

Esta imagem permaneceu na igreja Notre Dame de *Rocamadour* passando por vários problemas e tentativas de roubo que a seguir explico.

Em 1235 alguns soldados franceses que permaneciam ali para proteção de uma guerra pisotearam a imagem. No século XVI esta imagem passou por um grande incêndio que aconteceu na Igreja mas no entanto houve quem a conseguisse ter salvo da desgraça.

Entretanto, as guerras religiosas despontaram e destruíram de forma brutal o santuário onde a Imagem estava, mas ela no entanto salvou-se novamente.

No entanto, o acontecimento mais conhecido foi uma tentativa de roubo de uma jóia dada pelo Papa Pio IX para a Coroa da Virgem e que tentaram roubá-la nos finais do

século XIX. No ano de 2018, um grupo de peregrinos que se deslocou da Vila de Soza até ao santuário para conhecer melhor as raízes da vila trouxeram de volta uma réplica da Madona Negra para estar exposta na Igreja Matriz de São Miguel Arcanjo da Paróquia de Soza.

Fig. 20 - Réplica da Virgem Negra de *Rocamadour,* Soza

1.3.Análise da Imagem da Virgem Emparedada:

Esta peça (Figura 3) é talhada a partir de um só pedaço único de rocha calcária. Podemos observar com alguma dificuldade, pela sua policromia estar muito delicada e desbotada que a Virgem está a vestir umas vestes muitos simples e de cores tradicionalmente atribuídas à Virgem, ou seja, o Azul, o Branco e o vermelho (rosa em alguns casos).

A Virgem encontra-se com uma expressão calma, serena, doce e digna, tal como na maioria das peças marianas ela é representada. Esta Virgem tem como atributos uma romã na mão direita, e o menino Jesus ao seu colo que na mão esquerda o mesmo contém um objeto identificado como um Globo Cruciforme, embora hoje não restem vestígios da presença de um elemento Cruciforme no mesmo.

Ninguém sabe de que oficina será esta peça e apenas a análise das tintas sobrante dirá quem foi o autor de ambas as peças. Sabemos que foi descoberta entre 1971 e 1973 , devido às obras levadas a cabo na Igreja. Teve guardada emparedada na parede por trás do altar e foi reencontrada após as obras de requalificação da capela, que se deram enquanto o Padre António Fragoso Tavares era Pároco da Vila de Soza, e o mesmo o testemunhou ser verdade.

Fig.21 - Virgem Emparedada, Soza

Fig. 22 - Aproximação Virgem Emparedada, Soza

Fig.23 - Atributo da Romã da Virgem, Soza

Cláudia Daniela Andrade Almeida, Portugal
claudiadandradealmeida@gmail.com

2.1. Iconografia das Imagens:

2.1.1. Romã:

A romã tem uma rica e ancestral simbologia. Na generalidade está associado ao símbolo da fecundidade e da descendência abundante.

Várias adaptações foram criadas tal como novas leituras com a evolução do cristianismo. No entanto continuou a ser entendido como o símbolo da fecundidade pela quantidade grãos que contém no seu interior, mas também é um símbolo da realeza pelo cálice superior da romã em forma de coroa, neste caso alusivo à Virgem como Rainha dos Céus, a principal intercessora dos fiéis.

Quando esta se encontra nas mãos da Virgem significa igualmente a sua castidade. Os grãos vermelhos, característica comum a todos os frutos vermelhos, anunciam a Paixão de Cristo, o seu sofrimento e sangue derramado na cruz para remissão dos pecados da Humanidade.

A romã na mão do menino ou o menino a apontar para a Romã na mão da mãe (que não é o caso desta imagem) significa que a criança aceita o sacrifício anunciado. Na Idade Média, a romã e respetivos grãos simbolizam igualmente a unidade da Igreja sendo que Maria é também um símbolo da Igreja Una.

A iconografia da Virgem da Romã é muito popular na Idade Média e Renascimento.

Na imagem que apresenta o Menino com a cartela ou pergaminho, a criança olha para a Romã e a Virgem está coroada. Também é uma curiosidade ver que o escultor, colocou a romã com uma parte do fruto sem casca para que quem observasse a peça conseguisse facilmente perceber que era uma romã com os grãos à vista.

Fig.24 - Detalhe da Romã na mão direita da Virgem, Soza

2.1.2.Pergaminho:

Em relação ao conteúdo que está descrito no pergaminho não se pode ter a certeza porque sofreu muitos repintes e é impossível de ler a inscrição original pintada pelo escultor. No entanto uma das hipóteses será que originalmente a pergaminho diria *"Ergo sum lux mundi"* [*"Eu sou a Luz do Mundo"* (Jo 8,12)], que por extenso ou de uma forma muito abreviada foi um texto muito frequente e comum na iconografia de Cristo tanto no período românico como no período gótico.

Fig.25 - Pormenor do pergaminho, atributo do Menino Jesus, Soza

2.1.3.Globo Cruciforme:

Em relação objeto circular ou esférico que se encontra na mão do Menino Jesus da Virgem Emparedada uma das hipóteses colocadas será que é um globo terrestre com a cruz em cima, o conhecido como Globo Cruciforme, sendo que a cruz poderá ter desaparecido com o tempo.

Este Globo Cruciforme simboliza Cristo como Senhor do Universo, o Salvador do Mundo que garante a paz em todos os reinos e nações durante todo o tempo.

A forma como este menino Jesus foi representado a segurar no globo cruciforme, estendendo o braço como que apresentando aos fiéis aquele objeto reforça ainda mais a leitura.

Fig.26 - Pormenor, Globo cruciforme do Menino Jesus, Soza

Algumas fontes afirmam que a história de Amador poderá ter influência a criação desta peças e da original Santa Maria de *Rocamadour* que o mesmo esculpiu na pedra. No entanto, fontes de alto reconhecimento afirmam que a história de Amador não passa

simplesmente de uma lenda sendo que assim não tem qualquer significado em termos iconográficos. A Idade Média é um tempo composto por muitas história, fábulas, mitos e lendas que devem ser conhecidas e divulgada mas entendidas como tal e não como afirmações corretas e confirmadas de informação.

Na esmagadora maioria dos casos, a cronologia destas imagens é muito posterior à das lendas cuja origem nem sempre é possível precisar.

Existem três iconografias góticas que são consideradas as mais típicas daquele tempo que são A Senhora do Ó ou A Virgem da Expectação, A Virgem em pé, segurando o Menino no braço esquerdo, obedecendo assim unicamente e indubitavelmente ao tipo hodigitria e a Virgem sentada no trono, assimétrica, com o menino apoiado nos joelhos, que daria posteriormente origem à série das Virgens da Ternura. Assim podemos afirmar que este exemplar da Virgem Emparedada e até mesmo da Santa Maria de *Rocamadour* são do tipo Hodigitria que tem como significado *"aquela que aponta o caminho"*, e a Virgem Negra que está em *Rocamadour* é um exemplo das Virgens sentadas no trono.

2.2. Iconografia das cores:

2.2.1. Vermelho:

A cor vermelha é fortemente utilizada para referir-se ao sangue e ao fogo respetivamente símbolo martírio e sacrifício e também a manifestação do Espírito Santo.
Por vezes pode também traduzir o Amor e sabedoria de Deus encontrado no Cristo após a Ressurreição e a segunda vinda de Cristo juntamente com o Branco.

O vermelho é dos pigmentos mais utilizados nos ícones, pois é a cor do calor paixão, amor e da energia doadora de vida por isso tornou-se o símbolo da ressurreição - da vitória sobre a morte. Ao mesmo tempo esta é a cor da tormenta do sangue e do sacrifício de

Cristo. Daí todos os mártires serem representados com vestes vermelhas e nas suas Solenidades quem preside à celebração seja Padre ou Bispo utiliza veste vermelhas.

Fig.27 - Pormenor da coloração das vestes da Virgem em tons avermelhados (a coloração está um pouco desbotada) e do Menino Jesus em azul.

2.2.2. Azul:

O azul, cosmologicamente, é símbolo de Deus Criador que é representado pela cor azul. Cristo, nos seus três anos de ministério de verdade e sabedoria é sempre representado com um manto numa tonalidade de azul. Do azul ele consegue iniciar os homens nas verdades da vida eterna.

Sendo assim, o azul é o símbolo do caminho da fé, símbolo do infinito do céu e símbolo do outro mundo. Já o azul escuro utilizado pela Nossa Senhora na sua túnica é a cor que simboliza o céu, o amor espiritual, a verdade, a constância e a fidelidade. Por isso é a cor que por natureza completa as representações de Maria.

Para começar, a cor azul tem raízes na Bíblia, no Antigo Testamento, de acordo com o Doutor Jared Staudt que é especificamente mencionada como a cor do povo de Israel no Livro de Números.

Para o povo Israelita este azul traz à mente a obediência dos mandamentos de Deus opondo-se ao egoísmo de uma pessoa. Foi vivenciado pela Mãe Santíssima, que diz assim em Lucas 1:38, *"Eis que eu sou serva do Senhor; seja conforme sua palavra"*, sendo que ela era completamente fiel cumprindo a vontade e o chamamento que recebeu de Deus.

Na iconografia, o azul simboliza a transcendência, o mistério e o divino, sendo ela a cor do céu é então vista como a cor celestial.

Também o menino Jesus é representado com uma veste azul que simboliza a sua divindade envolvendo-se com a humanidade. Curiosamente, Maria, contrariamente ao Menino Jesus, veste uma roupa exterior vermelha e uma roupa interior azul, representando como ela carregava a divindade, Menino Jesus, dentro da sua humanidade.

Concluindo, o azul é assim uma das cores mais importantes nas tradições artísticas do Cristianismo e tem um profundo significado espiritual que traz diferentes atributos à Mãe Santíssima. É uma cor sagrada, que nos relembra a fidelidade de Maria e o seu papel privilegiado na história da salvação.

Fig.28 - Pormenor da coloração das vestes da Virgem em tons avermelhados e azuis, o Menino Jesus em vestes castanhas.

2.2.3.Branco:

A cor branco é a união de todas as cores numa só e assim é o símbolo da luz e da vida que vence a morte. Assim a túnica de Cristo no ícone da transfiguração é branca, tal como a faixa que envolve o menino no ícone da natividade, tal como em alguns ícones do batismo de Cristo. No ícone da Dormição, a veste de Maria é branca acolhida como pequena criatura nos braços de Cristo.

O branco é também a cor de quem está penetrado pela Luz de Deus, sendo também a cor da inocência porque aqueles que se convertem ao cristianismo, Deus promete sempre que os seus pecados se tornaram brancos como a neve (Is. 1,10), e é por isso que o branco é frequentemente usado nas grande festas litúrgicas para a expressão da alegria.

Fig.29 - Pormenor do véu branco (nesta imagem encontra-se desbotado e descolorado, daí o tom amarelado) da Virgem de *Rocamadour*.

Conclusão:

Ao finalizar este trabalho quero apresentar algumas conclusões da investigação sobre o tema Santa Maria de *Rocamadour* de Soza, A Virgem Emparedada.

Inicialmente, podemos afirmar que de facto, ambas as imagens que se encontram na Igreja Paroquial da Vila de Soza são do século XV, embora de zonas diferentes do século. A figura 3 é uma imagem que pertence ao primeiro período do século XV enquanto a figura 4 é original do final do 2º período do século XV. Embora imagens com imagética e atributos diferentes, feições e expressões desiguais são ambas exemplos impressionantes da transição do período românico para o período gótico.

Podemos também confirmar que este culto de Santa Maria de Rocamadour embora proveniente de França, teve uma maior dimensão na Vila de Soza entre os séculos XII a XV do que em *Rocamadour*. Após isto, Soza ficou perdida na História enquanto *Rocamadour* adquiriu valor e reconhecimento com o Santuário de *Rocamadour*, ou seja este culto é oriundo de uma altura anterior a D. Sancho I.

O encontro desta peça escultórica é uma mais valia para a recriação de um cenário possível para a inauguração deste culto, para a vivência dos Frades e dos povos que entraram em encontro em convivência com a Confraria de Frades Hospitalários da Ordem Monástica de Santa Maria de *Rocamadour*. Descobrindo assim possibilidades e hipóteses acerca de tudo o que envolve este culto, enriquecendo um povo e uma ligação entre dois países que anteriormente não estavam ligados ou não se tinha noção da existência desta ligação dos nossos antepassados.

Para terminar, pretendo fazer uma chamada de atenção à importância do património histórico para a preservação de um cultura, povo e de uma cidade nos seus primórdios. Sem a existência deste património e das suas convenções este culto e esta história que envolve o Eremita Amador e Santa Maria de *Rocamadour* e outras tantas histórias e mitos tinham sido

perdidos no tempo e ninguém hoje em dia os conhecia, nem tinham noção da sua existência.

Embora, ainda assim muita informação tenha sido perdida porque nos séculos mais antigos as populações não conheciam e nem existia a definição de património histórico nem preservação do mesmo. E é aí que o papel das organizações de preservação do património entram e têm um papel importante, para que aquilo que ainda existe desses tempos não seja perdido no tempo.

E que assim as civilizações mais recentes tenham informação sobre os seus antecessores e a cultura da cidade em anos anteriores. Assim previne-se ao máximo a perda de cultura dos países por todo o mundo e podemos conhecer e descobrir novidades acerca da evolução do ser humano, da passagem de outros povos por terras que hoje não existem e de onde apareceram certos objetos estranho a civilização tecnológica de hoje.

Cláudia Daniela Andrade Almeida, Portugal
claudiadandradealmeida@gmail.com

Webgrafia :

http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-mundial/

http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70375/

http://ateliersaojudastadeu.blogspot.com/2011/09/simbologia-da-cores-na-iconografia_30.html

https://pt.aleteia.org/2017/06/26/voce-sabe-por-que-a-santissima-virgem-maria-veste-azul/

https://www.tourisme-lot.com/en/the-must-sees/great-sites-in-occitanie/rocamadourthe-vertical-village

https://www.northofthedordogne.com/rocamadour.php

https://www.vallee-dordogne.com/rocamadour

https://www.lourdes-infotourisme.com/web/EN/?langRedir=1

www.diocese-aveiro.pt/v2/?p=6058

http://sigillum-militum-christi2.blogspot.com/2010/10/nossa-senhora-de-rocamadour.html

http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publicacoes/o_arqueologo_portugues/serie_1/volume_21/18_ruinas_ruina.pdf

Cláudia Daniela Andrade Almeida, Portugal
claudiadandradealmeida@gmail.com

Bibliografia:

BORGES, *Júlio António, Património Arquitectónico e Arqueológico Classificado:Inventário*, vol. II, Lisboa, IPPAR, 1993; Figueira de Castelo Rodrigo.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain, *Dicionário dos símbolos*. Lisboa: Teorema, 1982.

CALÃO, Hugo, Inventário de Património Histórico da Diocese de Aveiro: Presente e Memória. Aveiro, Diocese de Aveiro, Janeiro 2013.

COELHO, José-Júlio Gonçalves, *Notre-Dame de Rocamadour en Portugal (Son Culte,Hôpitaux et Hôtelleries):Mémoire Historique.*Brive: Imprimerie Roche, 1912.

Documento da Conferência Episcopal Portuguesa, *Património histórico-cultural da Igreja*, 14 de Maio de 1990.

Documentos de D. Sancho I (1174-1211), Vol. I - Rui AZEVEDO, Avelino de Jesus da COSTA e Marcelino Rodrigues PEREIRA. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1979.

FONSECA, Jorge, *Religião e Liberdade:Os negros nas irmandades e confrarias portuguesas (séc. XV ao séc. XIX),*Vila Nova de Famalicão. Edições Húmus,2016

LACOSTE, Guillaume – *Histoire du Quercy*. Cahor:, Girma, 1883.

MOURA,Dr. Frederico de, *Boletim Distrital: Algumas notas sobre Vagos*.1975

RÉAU, Louis, *Iconografía del arte cristiano* : Antiguo Testamento - TOMO 1; Nuevo Testamento : Tomo 1; Introducción general - Tomo 1 (2000)

REVILLA, Frederico, *Diccionario de Iconografía y Simbología*. Madrid: Cátedra, 2012.

ROCACHER, Jean; ALBE, Edmond - *Le Livre des Miracles de Rocamadour au XIIe siécle*.Texte et traduction d 'après les manuscrits de la Bibliothèque Nationale. Préface de Régine Pernoud. Le Peregrinateur, 1996.

VASCONCELOS, António de - D*ona Isabel de Aragão (A Rainha Santa)*. Coimbra: Arquivo da Universidade de Coimbra, 1993.

Cláudia Daniela Andrade Almeida, Portugal
claudiadandradealmeida@gmail.com

VAUCHEZ, André - *A Espiritualidade da Idade Média Ocidental: Séc. VIII-XIII.* Lisboa:Editorial Estampa, 1995.

VEIGA,Dr. Virginia da Silva. *Santa Maria de Rocamadour de Soza:Além de uma simples estátua*.

VITERBO, Fr. Joaquim de Santa Rosa -*Elucidário das Palavras*- 2ª edição revista, Lisboa: A. J. Fernandes Lopes,1865

Cláudia Daniela Andrade Almeida, Portugal
claudiadandradealmeida@gmail.com

Participante: Cláudia Daniela Andrade Almeida

Tutor: Nuno Duarte da Silva Queirós

Data: Agosto de 2018

Cláudia Daniela Andrade Almeida, Portugal
claudiadandradealmeida@gmail.com